

Dívida Pública

MUDANÇA NO CÂMBIO

Malan nega renegociação da dívida interna

Alteração da política cambial não trará a volta da inflação, afirma ministro

MONICA YANAKIEW

Especial para o Estado

NOVA YORK – Num dia de muita expectativa nos mercados, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, deu dois recados para tranquilizar os investidores estrangeiros: o governo não renegociará sua dívida interna de R\$ 317 bilhões nem acredita que a mudança de política cambial leve ao ressurgimento da inflação, que se mantém em níveis extremamente baixos há três anos.

“A inflação não é medida pelo aumento de preço de um produto”, disse Malan ontem, no fim de uma reunião com 12 dos maiores investidores norte-americanos no Bra-

sil, na sede da Reserva Federal de Nova York – um dos braços regionais do Fed, o Banco Central dos Estados Unidos.

Ele se referia ao aumento de preços dos automóveis anunciado na terça-feira pela General Motors brasileira. A empresa informou aos revendedores reajustes que variam de 1,99% a 11,37% para os diferentes modelos da marca. O aumento, o terceiro em um mês, deverá passar a valer hoje.

“A inflação é o aumento generalizado de todos os preços, ao longo do tempo”, insistiu Malan. “Numa economia de

mercado, alguns preços sobem e outros declinam – o que importa é a composição entre eles.”

Investidores – Do café da manhã, organizado pelo presidente do Fed de Nova York, Bill MacDenough, a pedido de Malan, participaram o megainvestidor



Malan: reunião “construtiva” para explicar a situação do Brasil

George Soros, os vice-presidentes do Citigroup, William Rhodes, Jon Corzine, da Goldman Sachs, e David Komansky, da Merrill Lynch. “Foi uma reunião muito construtiva, porque tivemos a oportunidade de explicar a situação no Brasil”, resumiu

Malan.

Segundo o ministro, o que mais preocupa os investidores é saber se o Brasil é capaz de “seguir em frente, a curto e médio prazo, e manter a situação sob controle, além de criar condições para manter o crescimento sustentado da

economia e acomodar a taxa de câmbio do real”.

Mais tarde, numa outra reunião para discutir o também problemático Japão, MacDenough, foi questionado sobre o Brasil. “Baseado na relação que existe entre dívida e Produto Interno Bruto (PIB) não acredito que o Brasil precise renegociar sua dívida”, disse. MacDenough não quis dar detalhes sobre o que foi discutido na reunião com Malan – apenas disse que os investidores, além de ouvir o ministro, também fizeram sugestões à equipe econômica brasileira.

Mesmo que o Brasil não consiga superar a crise – assegurou MacDenough, cujo banco é o principal supervisor dos bancos americanos que mais investiram na América Latina – o sistema financeiro dos Estados Unidos é sólido demais para sofrer grandes prejuízos. Apesar das garantias dadas por MacDenough, tanto a bolsa em Nova York, quanto o governo em Wa-

shington estavam de olho no Congresso brasileiro.

Situação – Horas antes da votação da contribuição dos servidores inativos à Previdência Social, Timothy Geithner – vice-secretário do Tesouro Americano para Assuntos Econômicos – explicava ao Senado dos Estados Unidos a situação no Brasil. Ele disse

que o governo brasileiro mantém sua promessa de fazer um ajuste fiscal, mas, acrescentou, que “existe bastante incerteza sobre o que acontecerá”.

Geithner explicou que o

**BANCOS
DOS EUA NÃO
DEVEM SER
AFETADOS**

Brasil tem um importante déficit fiscal e que nenhum plano econômico dará certo se essa situação não mudar. “Acho que eles estão decididos a fazer o que precisa ser feito e estão tomando o espaço certo para chegar lá”, disse. Mas ele também alertou que, para superar a crise, o Brasil terá que adotar uma atitude firme ao longo do tempo.

CONTROLE DA
SITUAÇÃO
PREOCUPA OS
INVESTIDORES

